

5. Conclusão

Com este trabalho, procuramos demonstrar que o conceito winnicottiano de criatividade em muito contribui para pensar o mal-estar contemporâneo, já que, em Winnicott, é a criatividade que fortalece o sentimento de existência e permite ao sujeito acreditar e engajar-se na vida – justamente o que aparece enfraquecido nos dias de hoje. Partindo da teoria winnicottiana, pudemos entender que os sentimentos de insuficiência, vazio e apatia, descritos como característicos do sofrimento psíquico atual, assim como a presença crescente de sintomas que envolvem o desinvestimento pulsional, a exacerbação narcísica e a rigidez de um falso self protetor, parecem convergir para o mesmo quadro de embotamento criativo, posto que falam da fragilização do sentimento existencial e de dificuldades no que se refere ao uso criativo da vida.

Deste modo, constatamos haver hoje certa exacerbação do que chamamos de embotamento criativo. Tal constatação leva, então, à questão que permeou todo este trabalho: afinal, de que maneira o momento histórico atual tem contribuído para esta forma particular de mal-estar, de sofrimento psíquico? Com o respaldo da teoria winnicottiana e da explanação feita sobre o cenário contemporâneo, nos parece possível melhor defender nosso ponto de vista, a saber, de que a falta de suportes no âmbito do social dificulta a experiência criativa dos sujeitos.

Ora, vimos em Winnicott que a experiência criativa necessita de determinado suporte ambiental, sendo que dificilmente podemos ser criativos se não num solo de confiança, amparo ou sem o devido fomento da realidade. Ou seja, para Winnicott, se o meio falhar nesta sua função de fornecer suporte e fomento à experiência criativa – seja por ser omissivo, seja por ser invasivo – isto acarreta em prejuízos à expressão criativa do ser, o que leva ao enfraquecimento do sentimento existencial e interfere na maneira como o sujeito experiencia a vida. Neste sentido, sendo o meio fator determinante no experienciar (ou não) da criatividade, para que possamos entender o embotamento criativo atual precisamos pensar nas qualidades mesmas deste meio através do qual nos constituímos.

Nas ciências sociais, chamamos a atenção para o fato de que se observa, no momento histórico atual, determinada tendência que induz ao esvaziamento

das estruturas de amparo e suporte sociais, e ao hiper-investimento do indivíduo. Como vimos, Lipovetsky (1983) acredita que tal fenômeno leva ao esvaziamento dos próprios indivíduos, que, sem apoio e hiper-solicitados, tornam-se mais vulneráveis à vida. As contribuições de Ehrenberg (1998) seguiram no mesmo sentido. Para ele, o atual excesso de exigências no plano individual, juntamente à falta de sustentáculos sociais, leva os indivíduos a sentirem-se insuficientes e cansados, já que é cada vez mais difícil para o indivíduo, sozinho, atender às demandas sociais. Por sua vez, vimos com Bauman (1998) que o mal-estar que nos atravessa hoje deriva, fundamentalmente, de um sentimento de incerteza. Considerando que o excesso de opções, de estimulação e o imperativo do movimento tornam as relações mais frágeis e os indivíduos mais solitários e desenraizados, Bauman pensa no sentimento de incerteza como corolário da fugacidade e insegurança do mundo atual.

Neste sentido, pareceu-nos haver um consenso nas ciências sociais no que se refere às características principais deste solo que subjaz à experiência subjetiva hoje. Os teóricos visitados demonstraram que este caracteriza-se, fundamentalmente, por ser por demais demandante, invasivo, incerto, enfim, por levar os indivíduos a experimentarem o desamparo, a insegurança e a fadiga no plano individual. Em contrapartida, Winnicott demonstrou que a confiança no meio, e o conseqüente estado de relaxamento, são imprescindíveis à espontaneidade criativa. Sendo assim, nos parece que o retraimento do ser, do que é da ordem do verdadeiro self criativo, observado nos dias de hoje, pode ser indicativo de dificuldades subjetivas encontradas na relação com este meio que é frequentemente sentido como invasivo e que induz à experiência de desamparo. Ou seja, se a criatividade pode ser compreendida como a expressão subjetiva mais espontânea e singular, como pode o sujeito expressar-se criativamente nestas condições ambientais? Além do mais, sabemos que é uma ilusão pensar que há uma maior liberdade hoje no campo do social. Na verdade, a cultura contemporânea é extremamente exigente com os indivíduos, sendo excluídos da sociedade aqueles que não correspondem à performance demandada. Nas palavras de Lipovetsky:

“É necessário que nos expressemos sem reserva (...), livremente, mas num quadro pré-estabelecido. Há uma procura de autenticidade, mas de maneira nenhuma de espontaneidade.” (Lipovetsky,1983:63).

Esta descrição de Lipovetsky nos parece bastante ilustrativa do que estamos chamando de embotamento criativo dos dias de hoje, pois fala, justamente, da ausência de espontaneidade e da subordinação do sujeito às demandas do meio.

Em suma, nos parece que o embotamento criativo observado atualmente é uma forma defensiva de se lidar com a atmosfera de exigências, instabilidade, e com a fragilidade dos sustentáculos sociais nos dias de hoje. Como vimos em Winnicott, nestas condições a reação toma o lugar da criação, ou seja, ao invés de ser criativo o sujeito passa a defender-se das supostas ameaças do meio. Acreditamos, assim, que o crescimento nos quadros que envolvem o vazio existencial, a retração narcísica e o desinvestimento objetal resulta, principalmente, das dificuldades infligidas pelo cenário atual à experiência criativa dos sujeitos.

Neste ponto, uma ressalva deve ser feita. Sabemos que ao falar sobre a importância do meio para a experiência criativa, Winnicott se referia à relação inicial do bebê com a mãe, mas ele também nos diz que esta relação de interdependência com o meio não se finda. Portanto, há uma relação interminável de influência recíproca do sujeito sobre o meio e vice-versa. A ênfase conferida por Winnicott ao fator experiencial parece alertar, justamente, para a possibilidade infinita de transformação subjetiva, para a vulnerabilidade do psiquismo, enfim, para a importância do meio no que concerne à saúde psíquica do sujeito ao longo de toda sua vida. Assim, faz toda a diferença para a experiência subjetiva a natureza do meio no qual o sujeito se constitui e está inserido. Portanto, não se trata de ignorar a história de vida do sujeito em seu aspecto singular, mas de levar em conta que tal história se faz imersa em um contexto sócio-cultural mais amplo, o qual, nos dias de hoje, parece não oferecer muitos suportes e condições que facilitem a verdadeira expressão criativa do ser. Dito de outro modo, acreditamos que um mundo por demais invasivo, incerto ou ameaçador – como o mundo atual nos parece ser frequentemente percebido ou sentido – convida a uma atitude excessivamente defensiva e pouco criativa de seus membros, que permeia suas histórias de vida. Acreditamos que é a

criatividade que permite ao sujeito superar adversidades, lidar com o teste de realidade e investir a vida, mas esta força vital precisa de um solo ambiental de confiança, disponibilidade e adequação para continuar viva. Parece-nos que o aumento nos casos de embotamento criativo nos dias de hoje é um alerta para pensarmos o aspecto mais macro da experiência, que se refere à cultura que nos circunscreve.

Ao falarmos que a experiência princeps do sujeito contemporâneo é de um embotamento criativo, poderia ser argumentado que os sujeitos nunca foram tão criativos, e que são inquestionáveis as produções e os avanços no momento histórico atual. De fato é inegável que a produção científica, tecnológica e os avanços nos mais variados campos de saber são marcos desta era. O imperativo do movimento, da transformação, do desenvolvimento, a valorização do novo, tudo isto faz parte dos ideais do mundo de hoje. O que é contraditório, num primeiro momento, é pensar que este mundo cada vez mais “criativo”, ou melhor, produtivo, é o mesmo que induz, ou potencializa, nos sujeitos uma vivência de vazio, de apatia, de desinvestimento, de dessubstancialização. Porém, tal contradição se esmaece quando olhamos a questão mais de perto, à luz do conceito winnicottiano de criatividade, ou melhor, à luz das considerações de Winnicott sobre o revés de uma experiência criativa, e mais especificamente do conceito de falso self.

Com o conceito winnicottiano de falso self, vimos que muitas vezes um sujeito pode aparentar estar bem inserido socialmente e ter um bom relacionamento com o mundo, o que não necessariamente significa que ele use o mundo de maneira criativa, ao contrário, ele pode estar experienciando o mundo de forma submissa e adaptativa. Dito de outro modo, pode-se pensar que a excelência no trabalho produtivo, intelectual, ou uma aparente boa inserção do sujeito em seu meio, seria indicativo de maturidade emocional e saúde psíquica, mas, como vimos, tal inferência pode ser apressada. O conceito winnicottiano de falso self nos fala justamente desta capacidade de adaptação do sujeito ao social, a qual, em maior ou menor grau, enfraquece nele sua originalidade criativa e seu sentimento de existência própria. Vimos que quando o falso self torna-se rígido e toma o lugar do self verdadeiro, não deixa espaço para a criatividade, ao contrário, o que ocorre é subordinação ou mecanização, e o sentimento é o de vazio, o de irrealidade, uma vez que o meio passa a ser percebido prioritariamente como

demandante e ameaçador. Neste sentido, podemos pensar que o atual aumento no sentimento de vazio existencial, que ocorre em paralelo ao crescimento de atividades socialmente produtivas e requisitadas, pode ser indicativo do predomínio de ações baseadas no falso self. Justamente por este caracterizar-se pela subordinação ao meio, pode facilmente ludibriar e levar a crer que se trata de sujeitos supostamente mais criativos.

Deste modo, se olhássemos apenas para os avanços da sociedade contemporânea, de fato, facilmente poderíamos afirmar que jamais fomos tão criativos, mas se pensarmos que o sofrimento psíquico atual gira em torno do sentimento de vazio existencial, logo perceberemos a contradição: como pode serem os indivíduos mais criativos e, ao mesmo tempo, estarem tão esvaziados do sentimento de existir? Com isto o que queremos dizer é que, embora pareça haver hoje um crescimento na “atividade criativa”, este nos parece mais um movimento reativo, no sentido de ações referidas e subordinadas à demanda e estimulação do meio e ao falso self, que de uma verdadeira ação criativa enraizada no sujeito, a qual fortalece o sentimento de existir. Vale citar Winnicott:

“É possível demonstrar que, em certas pessoas e em determinadas épocas, as atividades que indicam que uma pessoa está viva não passam de reações a estímulos. Retire os estímulos e o indivíduo não tem vida.”
(Winnicott, 1999[1970]:23)

Vale lembrar que Winnicott contrapõe criação e reação, sendo que, para ele, é o sentimento subjetivo que se tem da experiência – se a experiência se relaciona ao verdadeiro self criativo ou ao falso self protetor – que faz a diferença entre uma atitude reativa ou criativa, e não a atitude em si. Assim, a criatividade de que Winnicott trata não se revela pelo produto da ação, ou seja, não é por ser uma obra de arte, por exemplo, que se pode dizer que determinada produção é criativa. Para sujeitos distintos, uma dada atitude pode ser experimentada por um deles como fazendo parte de seu ser, como algo que vem de seu íntimo, que o faz sentir vivo, original, criativo, e para o outro, como uma mera mecanização, adequação ou simplesmente uma ação esvaziada de sentido, que não lhe agrega em nada. Neste caso, tal atitude, na verdade, não viria transformar ou enriquecer o sujeito e seu mundo, mas seria uma forma de legitimar e amoldar-se ao meio. A visão, como não poderia deixar de ser, é sobre o sujeito, isto é, sobre a forma

como o sujeito sente a experiência. Assim, a reação contrapõe-se a criação por não ser uma ação referida ao verdadeiro self, mas por ser vazia, defensivamente referida ao meio, relativa ao falso self, o que, portanto, não faz o sujeito sentir-se mais vivo, usufruindo de sua singularidade.

Neste sentido se enfraquece, ou mesmo se apaga, a suposta contradição entre pensar que este mundo dito “criativo” é o mesmo mundo que potencializa um sentimento subjetivo de vazio existencial. Ou seja, é fato que o mundo é hoje mais produtivo, mas não que estas ações – tão cobradas pelo imperativo de iniciativa hoje – sejam de fato criativas, ao contrário, parece-nos que seria melhor falar em um mundo altamente avançado à custa de reações, ao invés de um mundo que dá espaço para a criação e singularidade dos sujeitos.

Assim, tanto se pensarmos no aspecto da reação que, em situações adversas, toma o lugar da criação, como se pensarmos no aspecto adaptativo do falso self, chegamos à conclusão de que um mundo mais produtivo não corresponde, necessariamente, a sujeitos mais criativos. Ao contrário, levando em consideração o crescimento no sentimento de vazio e da falta de um real investimento na vida hoje, acreditamos tratar-se de sujeitos cada vez menos criativos e mais desvitalizados, apesar dos impressionantes avanços e produções no mundo atual.

Enfim, com este estudo o que gostaríamos de ressaltar é a constatação de que muitos sujeitos sofrem por se sentirem vazios, apáticos, desamparados, em suma, sofrem de prejuízos na dimensão criativa, sendo esta situação potencializada no momento atual. Sendo assim, acreditamos que nada mais adequado ou privilegiado para a escuta destes sujeitos que a formulação de Winnicott acerca da necessária criatividade humana, já que é, justamente, a criatividade o que nos permite investir e acreditar na vida. Além do mais, esta teoria nos ajuda a repensar o mundo em que vivemos, pois mesmo apostando no sujeito, em seu potencial criativo e transformacional, Winnicott demonstra que o amparo do meio, no decorrer de toda a vida, é fundamental. Assim, este trabalho visa tanto ressaltar a relevância da teoria winnicottiana da criatividade para pensar o manejo e tratamento clínico destes casos em que há prejuízos no âmbito do viver criativo, como também sua relevância enquanto instrumental crítico privilegiado que permite questionar o mundo em que vivemos.